

Emirados Brasileiros?

Alguns poucos Serviços de Medicina Nuclear de São Paulo estão incorporando equipamentos dedicados de PET, tecnologia avançada que requer alto investimento de recursos e pouca probabilidade de retorno financeiro.

Seriam comparáveis a alguns emirados do Oriente Médio onde apenas uma classe privilegiada usufrui os benefícios dos 'petrodólares' enquanto o restante da população sobrevive em total miséria?

Sabemos muito bem que não cabe a comparação. Os Serviços a que me refiro, certamente são ilhas de excelência onde se oferecem serviços médicos de alta qualidade tanto a pacientes privados como aos assistenciais.

Arrojados? Visionários? Corajosos? Louvável iniciativa que nos coloca em condições de igualdade tecnológica e científica com grandes centros de Medicina Nuclear e de Diagnóstico por Imagem de países desenvolvidos da Europa, Ásia e América do Norte.

Vem então à lembrança um período em que todo Imaginologista ou na época, Radiologista, Radioterapeuta ou Médico Nuclear que quisesse investir na atualização ou modernização de seus equipamentos, o fazia com segu-

rança, pois sabia que com o resultado do seu honesto trabalho conseguiria honrar o compromisso assumido.

No entanto, a triste realidade que hoje vivemos é a do sucateamento de grande parte de nosso parque tecnológico, da retomada por inadimplência, de expressivo número de equipamentos pelos agentes financeiros e como consequência o fechamento de tradicionais consultórios e clínicas de Radiologia, de Tomografia Computadorizada, de Ressonância Magnética, de Ultra-sonografia e de Medicina Nuclear. E isso se alastra como uma grande epidemia por todo o País.

As causas? Já vem sendo longamente debatidas. A política econômica dos últimos governos, o excesso de escolas médicas, o distorcido e injusto sistema de reembolso pelas fontes pagadoras, etc, etc, etc.

As associações médicas, as entidades de classe e alguns poucos idealistas alertam, combatem e fazem o que lhes é possível para tentar rever-

ter esta verdadeira humilhação que se abate sobre nós.

A solução? Dada a complexidade e cronicidade dos problemas é óbvio que não há uma fórmula mágica ou uma varinha de condão para a resolução imediata da crise.

Mas uma coisa é certa, se não houver um movimento de mobilização, amplo, consistente e duradouro que envolva não apenas os Imaginologistas, mas também (e por que não?) os fornecedores de equipamentos e os representantes das fontes pagadoras, não haverá como manter a dignidade e a própria sobrevivência da Imaginologia no Brasil.



Dr. Jairo Wagner é coordenador do Serviço de Medicina Nuclear – Departamento de Imagem do Hospital Israelita Albert Einstein